

Apresentação

A PROPÓSITO DE NOSSA EDUCAÇÃO SUPERIOR CONTEMPORÂNEA

REGINALDO SOUZA SANTOS
FÁBIO GUEDES GOMES

É evidente que a sociedade contemporânea padece de problemas profundos. Parece que algo está totalmente desregulado, não está funcionando conforme nós queríamos ou sonhávamos. Mais grave, às vezes somos tomados pela sensação de que somos incapazes de compreender, com relativo grau de aproximação, o que está ocorrendo. A tarefa de desvendar e conhecer melhor os destinos que estamos trilhando é indiscutivelmente importante, conquanto de difícil e árdua responsabilidade.

Os intelectuais rotulados como pós-modernos tentam revolucionar os paradigmas das ciências sociais, destruindo, construindo e recriando categorias analíticas e princípios científicos. Por outro lado, a grande maioria dos cientistas sociais ainda prefere embasar suas reflexões nos paradigmas clássicos para interpretar os acontecimentos e transformações do capitalismo contemporâneo, sua administração política e a sociedade que lhe dá sustentação.

A globalização dos mercados sob a égide do capital financeiro transnacional, as políticas neoliberais, os conflitos culturais e étnicos e as guerras, todos esses processos, têm redefinido efetivamente a sociedade mundial.

Com exceção das guerras, nas sociedades periféricas os demais eventos têm provado consequências que alcançam dimensões preocupantes. Como afirmou certa vez o filósofo Paulo Arantes, “a escalada da violência e das desigualdades de riqueza no mundo tem criado o fenômeno da *brasilia-nização da sociedade*, quer dizer “a separação das raças por classe” e não pela cultura, gênero ou etnia”.¹ Ainda, ele explica que numa sociedade

1 Paulo Arantes. A fratura brasileira no mundo. In: José Luiz Fiori (org.). *Polarização mundial e crescimento*. Petrópolis: Vozes, 2000.

mais homogênea a concentração se dá, evidentemente, pela maior polarização do poder e da riqueza, o que, por consequência, provoca uma reação da grande maioria empobrecida e marginalizada do processo de apropriação da riqueza social. No entanto, na sociedade contemporânea, em que uma oligarquia confronta uma “população diversificada e separada por raças, malgrado a cultura nacional comum, o ressentimento provocado pelo declínio econômico se expressa muito mais na hostilidade entre os grupos na base do que numa rebelião contra os do topo” (Arantes, 2001, p. 295). E parece ser isso que hoje observamos estar acontecendo na Europa, no bojo da crise das dívidas públicas soberanas.

Na América Latina, no Brasil em especial, torna-se evidente, ao passar dos anos, que uma forma de sociedade se apresenta disforme e contraditória. Como Francisco de Oliveira² recentemente descreveu, algo parecido com um ornitorrinco, uma má formação social, que conforme tal animal esquisito, não se sabe ao certo o que é. Uma sociedade dual, na qual no topo se encontra uma plutocracia internacionalizada que decide sobre os destinos do país. Um pouco abaixo, o que Robert Reich chamou de “manipuladores simbólicos”, um conjunto de profissionais de instrução superior com objetivos de assegurar a realização suave e eficiente das decisões tomadas pelos que estão no topo, que por sua vez terão todo o interesse em conservar próspera e satisfeita tal camada social. Conforme Reich (apud Arantes, 2001, p. 300), “eles precisam de pessoas que possam fingir ser a classe política de cada Estado-Nação individual. Para assegurar o silêncio dos proletários, os super-ricos terão de continuar fingindo que a política nacional pode algum dia fazer diferença”.

Certa feita, o mestre Celso Furtado, no auge de sua sapiência, sentenciou demonstrando grande preocupação com o futuro de nossa sociedade: “o que importa é que as novas gerações recuperem o gosto pelo exercício da imaginação e se convençam de que a obra que lhes cabe realizar é nada menos do que dar continuidade à construção deste grande país”.³ Se não houver vontade para despertar o exercício da imaginação, como poderemos nos desvencilhar das forças que hoje nos dominam e conduzem nossa sociedade? Como retirar o véu da *intransparência* que representam compromissos com processos que redundam na reprodução de uma mesma situação com roupagem, ou seja, reproduzem as mesmas condições de

2 Francisco de Oliveira. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

3 Celso Furtado. *O capitalismo global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 23.

hierarquização da sociedade brasileira e a garantia de seus estamentos econômicos e políticos? Como, então, pensar a sociedade e tornar efetivas ações normativas para a solução de parte de seus principais problemas?

Na mesma linha do que já foi assinalado até aqui, só poderemos compreender melhor a situação da sociedade contemporânea, sobretudo os problemas brasileiros, suas dimensões macro e micro e suas inter-relações caso sejam estimuladas ainda mais a criatividade e o gosto pelo pensar.

Infelizmente o neoliberalismo fez bastantes estragos nos países da América Latina que, de forma subordinada, adotou o receituário do Consenso de Washington (1989). Falar de neoliberalismo e Consenso de Washington, sobretudo deste, parece pouco esclarecedor, a muitos, para explicar uma série de fenômenos sociais, políticos e econômicos que hoje acometem a sociedade dos países da América Latina.

Uma melhor percepção do que foram eles e quais suas consequências contribuem para aumentar o escopo de entendimento das transformações por que passaram nossas instituições nos últimos anos. Nos termos de um liberal convicto, como Stiglitz, ganhador do prêmio Nobel de economia (2001), presidente do Conselho de Consultores Econômicos do presidente Clinton (1995-1997) e vice-presidente e economista-chefe do Banco Mundial,

a aceleração das reformas econômicas e estruturais, bem como a adoção de políticas econômicas ortodoxas nos países latino-americanos, só fizeram aprofundar os problemas sociais e econômicos, assim como colocar a região diante de dilemas de difícil solução.⁴

Atualmente suas posições críticas voltam-se para o aprofundamento da concentração de renda e riqueza em seu próprio país, os Estados Unidos.

Tem-se como certo que aquelas estratégias não teriam sido adotadas e implantadas sem a conivência de boa parte das elites latino-americanas, que com grande capacidade executiva tiveram de empenhar exemplarmente o papel de alunos dedicados na aplicação das prescrições irradiadas dos centros de poder mundial para a solução dos problemas da região. Os três pilares do Consenso de Washington, a austeridade fiscal, a liberalização econômica e as privatizações, foram responsáveis por uma mudança radical

⁴ Joseph E. Stiglitz. *A Globalização e seus malefícios: a promessa não cumprida de benefícios globais*. São Paulo: Futura, 2002.

das estruturas desses países e redefiniram as relações entre Estado, sociedade e instituições, com implicações até o momento.

O neoliberalismo como ideologia do capitalismo contemporâneo imprimiu um novo ritmo ao desenvolvimento da sociedade. O eixo econômico foi definido como primordial e as palavras de ordem passaram a ser a máxima busca pela *eficiência* e *competitividade*. A transição para sociedades liberais traduziu-se numa apoteose dos mercados e na conversão de todos, indistintamente, em competidores, num esforço de superação de uma tradição de dependência do Estado. O *porterismo* (termo relacionado às teses de Michael Porter) colocou-se como visão estratégica de convivência humana. O modo *porteriano* de concepção do mundo e de economia espalhou-se por todo o planeta e enraizou-se nas consciências e, mais grave, na educação e no ensino. Uma maneira de ver o mundo apenas como um ambiente de negócios, como forma de multiplicação do dinheiro e das condições de vida material tem dominado radicalmente a formação dos indivíduos e as matérias nas escolas de ciências sociais, principalmente.

Nesse contexto, cresce a ânsia dos indivíduos pela materialidade dos bens de consumo como os únicos que podem trazer-lhes felicidade. Tudo que possa trazer *status* de superioridade e torne os indivíduos diferentes dos demais (competição) é valorizado em detrimento de outros valores mais preciosos da condição e natureza humanas. Entretanto, fundamentalmente a essência, o movimento pela busca da competição somente promove a estandardização do comportamento e da condição humana. Beleza, poder, *status* e dinheiro, eis os valores cultuados e perseguidos em massa na sociedade contemporânea.

A sociedade brasileira não tem ficado distante dessa realidade. As consequências do neoliberalismo foram elevadas à potência *infinitesimal* e as chamadas estratégias competitivas de Porter, competitividade e concorrência numa escala crescente, fragilizaram as relações sociais e fortaleceram o exercício da individualidade e o comportamento egoísta.

Numa sociedade em que o mercado passou a ser o moinho que gera o seu desenvolvimento, os resultados devem ser alcançados no curto prazo, tempo é dinheiro e a lógica da rentabilidade, principalmente financeira, *locus* por natureza da dinâmica do capitalismo contemporâneo, não aguarda muito sob as ameaças dos imprevistos e percalços do futuro.

É considerável o ritmo como isso tudo tem influenciado o comportamento humano e sua evolução, com fortes rebatimentos nos processos de

ensino e aprendizagem, pilares da construção de qualquer sociedade criativa e libertária. Como, então, enfrentar essas dificuldades utilizando as nossas instituições de ensino e enfrentar o ânimo dos alunos cada vez mais voltados às respostas para o imediato (emprego, riqueza e materialidade)? Como reagir aos imperativos e interagir com as condições do fundamentalismo de mercado sem comprometer a qualidade da educação, ensino e pesquisa nem abalar a perspectiva humanista e construtivista da sociedade, umas das funções precípuas das ciências sociais em particular?

As forças neoconservadoras têm investido fortemente contra as instituições que possam fazer um contraponto ao estado de coisas construído pela dinâmica capitalista contemporânea, e uma dessas instituições, é a Universidade. Nas palavras de um observador astuto, “na fase atual, da microeletrônica e da globalização, o que antes era uma investida contra as humanidades, evolui para um ataque à própria universidade. O que se quer dela é que se torne um instrumento das políticas neoconservadoras preponderantes na nova ordem mundial. Na fúria de desmontagem do Estado e dos cortes selvagens de verbas públicas, ela [Universidade] só se justifica se enquadrada no encaminhamento de questões econômicas, sociais e políticas tópicas: treinamento profissional, válvula de escape para tensões da sociedade, parcerias com empresas, linha auxiliar na propaganda e condução das ações de governo”.⁵

Não podemos desconsiderar que a educação brasileira tem sofrido grande influência por esse turbilhão de transformações sociais, econômicas e políticas provocadas pelo capitalismo contemporâneo. Consta-se que o ensino superior brasileiro é um dos setores da educação que vem sendo mais questionado pelas forças dinâmicas da transformação capitalista e pelas instituições que atuam no comando das reformas estruturais, pelas quais o Brasil vem passando nos últimos anos. Tanto o Banco Mundial como o FMI, exigiram do país, sob as condicionalidades impostas pelos acordos e contratos de empréstimos e cooperação, que a educação superior brasileira caminhasse em direção para um grau maior de abertura para o mercado, com o aumento da oferta de serviços à sociedade e possibilidades fantásticas de investimentos privados.

Um dos fatos mais emblemáticos desse processo tem sido a perda contínua da participação das universidades públicas brasileiras no orçamento da educação nacional, tornando frágil sua capacidade de infraestrutura e

5 Nicolau Sevcenko. A era das trevas. *Carta Capital*, edição 19 maio 2004, p. 59.

condições de ensino, pesquisa e extensão, não obstante certa recuperação durante os dois mandatos do governo PT.

Por outro lado, observamos o crescimento vertiginoso do ensino privado superior notadamente na última década. Os resultados práticos desse processo não podem ainda ser avaliados com precisão do ponto de vista do impacto sobre o aumento do grau de qualificação profissional e sua contribuição para aumentar as possibilidades de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho sobre o crescimento econômico e, principalmente, nas funções mais nobres da educação, a contribuição para a formação de pessoas com capacidade e competência adequadas para, efetivamente, estarem preparadas para a reconstrução deste país, nos termos colocado por Celso Furtado logo acima. De qualquer maneira, alguns aspectos já chamam atenção para o fracasso da nossa política de educação superior adotada sob o regime político neoliberal. Por exemplo, o fracasso retumbante de nossa produção científica e a capacidade de fazer ciências nas áreas exatas; o apagão de mão de obra nas engenharias; os valores e formação dos estudantes nas áreas de saúde; o baixo nível de qualidade na formação dos advogados, etc.

Portanto, reconhece-se que o setor educacional brasileiro vem passando por um processo intenso de transição, com desdobramentos inconsequentes para a construção de uma sociedade mais civilizada. Este processo deve ser compreendido no contexto de uma transição múltipla, que não apenas afeta as instituições econômicas, mas também as instituições políticas, sociais e culturais. Como exposto inicialmente, anos de influência externa em diversas formas de intervenção têm degradado e debilitado os mecanismos de funcionamento e ampliação das instituições tradicionais, que tinham o Estado como principal agente político. Ao mesmo tempo, surgiram segmentos institucionais modernos que resultam ser ineficientes e/ou distanciados, na maioria dos casos, do caráter da sociedade em seu conjunto, como por exemplo, as faculdades-negócios, em que os interesses são somente faturar e prometer rendimentos aos seus fundos de investimentos, proprietários e parceiros de boa parte da rede privada de ensino privado superior no país.

Certamente as instituições de ensino superior privado podem ser incluídas entre as que, apesar de serem eficientes do ponto de vista operacional, seus resultados ainda parecem não condizer com as reais necessidades da sociedade. As características desse setor têm se tornado muito mais evidentes quando seus objetivos estão centrados, quase que exclusivamente, no papel meramente formador de indivíduos com competência e habilidades

técnico-profissionais. Antes de tudo, mesmo diante dos condicionantes do mercado, a missão dessas instituições deveria estar assentada em princípios mais gerais, que valorizassem a formação de um conjunto de cidadãos com valores e princípios éticos, voltados para a transformação da sociedade. A formação profissional seria o elo desse compromisso universidade-sociedade.

A formação profissional não deve ser um objetivo em si mesmo. Antes de tudo, é apenas um meio para que os indivíduos possam atingir os objetivos em sociedade, qual seja, o bem-estar coletivo. As profissões, longe de serem apenas requisitos para o atendimento exclusivo dos interesses individuais ou particulares, são de extrema importância para a cadeia social, dado o grau de interdependência e responsabilidade mútuas. Assim, queremos dizer que nossos alunos devem compreender que a missão que lhes cabe é muito maior que apenas os interesses particulares, minimalistas, atomistas. Isso só pode ser dissolvido como ideologia se nossas instituições de ensino, sobretudo superiores, puderem internalizar o debate sobre as grandes questões do nosso tempo, em particular os problemas econômicos, sociais e políticos que enfrentamos cotidianamente. Mas, ao que parece, até mesmo na rede pública de ensino superior esse desafio está se tornando impossível, pois as pressões dos agentes econômicos do capitalismo são muito fortes na busca pela apropriação do conhecimento e formação de mão de obra nesses ambientes, bem como a própria gestão dessas instituições tem guinado para visões e políticas mais conservadoras e reacionárias, como bem assinalou intelectual insuspeito, professor titular de Ética da Unicamp, recentemente.⁶

É muito questionável que produzamos, na maioria, engenheiros voltados apenas para a construção civil ou projetos para o atendimento das necessidades dos estratos de renda mais altos; médicos com consultórios cada vez mais sofisticados dirigidos aos planos de saúde corporativos privados e à parte da sociedade mais privilegiada; administradores preocupados quase exclusivamente com os segmentos empresariais, não se interessando até mesmo pela área da administração pública; economistas voltados apenas para os números e seus próprios resultados de eficiência e produtividade, etc.

Uma das características centrais do ensino superior é desenvolver as capacidades críticas e do livre-arbítrio dos indivíduos, que com base em

⁶ Roberto Romano. Professor diz que direita é majoritária nas Universidades. Entrevista a Rogério Waldrigues Galindo. Blog Caixa Zero. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/professor-diz-que-direita-e-majoritaria-nas-universidades/>>; acessado em 21-11-2013.

pressupostos científicos possam exercer as diversas atividades profissionais com zelo e compromisso social e ético. Nesse sentido, uma das funções pre-cípua da universidade é impedir o monopólio do saber por qualquer linha de pensamento ou doutrina. É manter a cultura como espaço de debate aberto, arejado e fluido. É preservar a memória e fertilizar a imaginação.

O grau de dificuldade que encontramos na preparação dos jovens que entram nessas Instituições denota que, após grandes mudanças na área de educação brasileira, com uma espécie de privatização na margem, nós, professores, não estamos preparados para lidar com as novas circunstâncias de sala de aula, pois as deficiências na qualidade e infraestrutura nos diversos segmentos educacionais do Brasil são gritantes. Esse pode também ser apontado como um grande problema, ou seja, a maneira como o corpo docente tem reagido aos novos desafios da educação, tendo como pano de fundo as novas necessidades da sociedade e dos próprios alunos.

Quase todas as Universidades e Faculdades têm se preocupado em demasia em atender às expectativas de seus alunos, frequentemente relacionadas ao mercado de trabalho e à empregabilidade. A maioria dos cursos gira o pêndulo do conhecimento para o lado das práticas pedagógicas instrumental-profissionais, marginalizando, ou mesmo esquecendo, a importância de disciplinas e matérias voltadas para o desenvolvimento de capacidades e habilidades centrais na formação humana. Sobretudo às fulcrais no fortalecimento da memória e estímulo à capacidade imaginativa.

Os alunos se preocupam demasiadamente com o *tal* mercado de trabalho. Ora, se todos pensarem nessa direção, somente estarão preparando-se como mercadorias dentro da engrenagem do sistema de produção, e as universidades e faculdades estarão adotando as mesmas práticas produtivistas de qualquer sistema industrial. Mas não é isso que realmente está acontecendo na prática? Com isso queremos dizer que o mercado de trabalho é dinâmico como qualquer outro mercado de bens e serviços. Ele obedece à dinâmica econômica e, com isso, sempre exigirá novas qualificações, novas mercadorias e força de trabalho. Como qualquer produto, que sempre tem de mudar de *design*, modelo, cor, tamanho, etc. para conquistar mercado, a formação do indivíduo passa a obedecer à mesma lógica. Torna-se apenas mais um e simples fator de produção, assim como os economistas neoclássicos resumem o ser humano na cadeia produtiva.

Este indivíduo tem sempre de correr em busca de novas qualificações, novas competências, cursos especializados, etc. numa preparação infinita e

frenética, pois somente assim pode ser incluído frequentemente no mercado de trabalho como um produto qualquer. O que distingue as mercadorias dos seres humanos, dentro da lógica de mercado, é apenas o tipo de código de barras, que para a força de trabalho apresenta-se pelo que conhecemos como currículo.

Como foi assinalado de início, na sociedade em que predomina o neoliberalismo como ideologia e prática política, o desemprego é explicado pela falta de qualificação e preparação da mão de obra. Pouco são questionadas as condições macro, os problemas estruturais, a incapacidade do sistema produtor capitalista de absorver todos os seres humanos como força de trabalho e as funções que exercem no sistema os que estão na informalidade ou marginalizados (não compreendemos a exclusão social como um fenômeno externo ao capitalismo). Ou melhor, a falta de políticas de desenvolvimento econômico e o descompromisso de nossas elites em formular um projeto de nação estão no âmago da incapacidade do país em enfrentar seus maiores desafios e os problemas específicos de sua estrutura educacional, sobretudo o papel de nosso sistema de ensino superior. Como predominou durante boa parte da última década do século XX, as crises e os problemas que afetam o homem comum em uma sociedade alienada pela ideologia neoliberal recaem neles próprios, em suas responsabilidades.

Desde os anos 1970 vem se formando uma consciência e ideologia defensoras de que as soluções para o alto grau de desigualdade de renda e riqueza estão no nível de educação. É óbvio que a força de trabalho mais bem preparada e qualificada se destaca em rendimento, mas é inverossímil concluir que isso resolve a abissal distância entre a riqueza dos que acumulam com base no controle do capital e os que vivem do emprego da força de trabalho.

É importante a formação técnico-profissional dos nossos universitários, mas não se pode esquecer que uma das missões mais nobres do ensino superior é o desenvolvimento das capacidades do aluno de pensar, avaliar e criticar. Uma das maiores deficiências contemporâneas de nossos alunos, por exemplo, está na desmotivação e dificuldade de leitura e interpretação. Como, então, preparar profissionais para o futuro que não são capazes nem sequer de resgatar de um livro ou artigo específico uma ideia central ou mesmo fazer um resumo? Como conhecer a realidade que os cercam e enfrentar seus problemas, propondo alternativas se falta cultura geral e visão dos processos e se a leitura não é tratada como ponto fundamental?

Se acompanharmos o ritmo e as imposições da sociedade neoliberal e do mercado, estaremos constantemente e, certamente, fadados ao fracasso, em longo prazo, na constituição de uma sociedade mais livre, criativa e culturalmente desenvolvida. O próprio mercado e sua dinâmica são irracionais e imperfeitos. Para ilustrar, basta mencionar que uma das maiores reivindicações do mercado de trabalho, por exemplo, é por mão de obra qualificada e, enquanto os mais qualificados, geralmente aqueles nas faixas etárias mais elevadas, não têm oportunidade, os menos experientes não são absorvidos.

Na maioria das vezes, para facilitar a vida dos alunos, em suas ansiedades de queimar etapas e cumprir todos os requisitos mínimos curriculares e, com isso, se formarem logo pensando no *tal* mercado de trabalho, sobretudo os discentes das ciências sociais aplicadas, os professores utilizam materiais didático-pedagógicos que em vez de enriquecer o conhecimento, somente colaboram para *mediocrizar* o ensino e a aprendizagem; em vez de utilizarem textos e referências clássicas, utilizam manuais acrílicos, não históricos e restritos teoricamente.

Nos países do Leste Asiático, o sistema universitário convida o aluno a envolver-se em pesquisa e ensino, pelo menos, de seis a oito horas de estudo por dia, em razão das prioridades dadas à formação dos estudantes, sua contribuição futura à sociedade, as condições de trabalho e salário permitidas aos professores, o acesso a novas tecnologias de ensino e disponível nível de recursos financeiros para se fazer ciência, sem detrimento de áreas específicas. Enquanto isso, no Brasil, continuamos, ainda, no nível de discussão de como conseguir e alocar recursos para investir em educação nos seus três níveis gerais, enquanto, ano a ano, a nação transfere cerca de 4,5% do PIB, em média, aos capitalistas que vivem das rendas financeiras e especulação com os títulos da dívida pública brasileira. As promessas de destinar recursos da exploração de petróleo da camada do pré-sal para a educação brasileira é uma aposta no futuro, com todos os riscos que envolvem qualquer especulação dos retornos de uma atividade tipicamente capitalista do século passado. Apostamos no passado para, caso seja exitosa a exploração, resolver o nosso futuro! As apostas foram feitas dessa maneira, infelizmente, pois já entramos na segunda década de acumulação rentista no Brasil e, com isso, já poderíamos ter resolvido nossas deficiências no plano da educação, ciência e tecnologia se não tivéssemos feito tanto por tão poucos privilegiados do sistema financeiro-bancário.